



Redacção e administração
Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: Canto coral nos regimentos — Notas vagas — O Museu Heyer — Concertos — Noticiario — Necrologia

Canto coral nos regimentos

Na secção *Disciplina* das instruções publicadas este ano pelo ministerio da guerra para as *escolas de repetição* lê-se:

«Durante as marchas, quando a situação tactica o não impeça, far-se-ão tocar de quando em quando as bandas de musica, procurando conseguir que os homens cantem em côro, para o que officiaes e graduados darão o exemplo.»

No artigo intitulado «Canto coral escolar», que neste jornal foi publicado no numero de 15 de setembro de 1912, dissemos nós:

«A musica e o canto favorecem os movimentos musculares. O artista que canta enquanto trabalha, o soldado que caminha cantando ou ao som da musica sentem muito menos a sensação de fadiga. As marchas de guerra, os cantos guerreiros, os hinos patrióticos incutem coragem e activam os movimentos.»

O confronto dos dois paragrafos que acabamos de transcrever sugere-nos algumas considerações que passamos a expôr.

Embora sejam para agradecer os bons intuitos de quem no ministerio da guerra se encarregou de redigir aquelas instruções, parece-nos que o legisladôr contou em demasia com os officiaes e graduados, para com elles se organizarem nos regimentos em marcha alguns nucleos de coristas, em volta dos quais se agrupassem os soldados a imitar-lhes os cantos. Com certeza

que tal tentativa seria infrutifera, porque nem officiaes nem graduados estão nas condições de ensinar ninguem a cantar em côro; e, que o estivessem, não teriam tempo para isso, nem se prestariam de muito boa vontade a faze-lo. A primeira ideia a acudir-lhes seria a de que se sujeitavam com isso a uma falta de respeito, de que resultaria indisciplina.

Mas ha mesmo a atender que não foi dos melhores o efeito que em muitos officiaes produziu a leitura d'aquêlê paragrafo das instruções. Acharam-lhe graça e comentaram-no jocosamente. E no entanto estamos certos de que esses mesmos officiaes se convenceriam da utilidade de uma tal medida se o pequeno numero das marchas, os poucos dias destinados aos exercicios e a impertinencia da chuva, que durante alguns dias se fez sentir, não inutilizassem em parte os excellentes resultados que de tais exercicios deveriam colher-se.

Não ha muito tempo que um distinto official do nosso exercito, de acôrdo conosco na vantagem da organização de côros marciais nos regimentos, afirmava que era pasmosa a benefica transformação que se operava no soldado em marcha, quando, fatigado, estropiado e mal podendo arrastar-se, ouvia a musica a tocar um passo ordinario. Animava-se, sacudia a muxila, ageitava-a ao dôrso e adquiria coragem para caminhar. O rufar cadenciado dos tambôres e os sons dos clarins produzem muitas vezes efeitos quase identicos. Consta-nos que um coronel da provincia, que ha muito tempo por assim dizer não sabia onde parava a banda do seu regimento, na

ocasião em que o preveniram de que tinha de proceder aos exercicios das escolas de repetição, pediu com insistencia para o ministerio da guerra que, pelo menos, lhe restituissem a banda, não só porque se envergonhava de que o seu regimento entrasse nas povoações ao som do rufar dos tambores, mas também porque lhe fazia falta a musica, para incutir coragem ao soldado nas marchas que tinha de fazer.

E' justo isto, e o official experimentado não desconhece a influencia moral da musica sobre o soldado.

Temos a convicção de que o canto coral nos regimentos está nas mesmas condições. Só vemos a necessidade de o organizar convenientemente, o que não será difficil.

Admitida a conveniencia dos côros nos regimentos em marcha, resta saber o que se havia de cantar. Naturalmente cada soldado preferiria os cantos populares da sua terra, de entre os quais, diga-se de passagem, ha na realidade alguns bem bonitos. Mas isso traria um grave inconveniente: o de uma balburdia, de um charivari medonho, no meio do qual ninguem se entenderia.

Durante os ultimos exercicios houve efectivamente por uma parte ou outra alguns soldados que se agruparam em côro, cantando os hinos ou canções que por aqui em Lisboa tinham ouvido cantar nas ruas ás crianças das escolas primarias. Mas isto não basta. Esses hinos ou canções não teem de mais a mais construção apropriada ás laringes das crianças, que, com uma censuravel inconsciencia de quem as dirige, se veem forçadas a esganiçar umas notas agudas que lhes estragam os órgãos vocais. De um tal abuso resultam muitas laringites, muitas rouquidões cronicas e muitas laringes para sempre estragadas. E se tais hinos e canções não servem para ser cantados por crianças, ainda menos apropriados são para as laringes de adultos.

Porque se não abre um concurso de poesias patrioticas, de poesias guerreiras e de melodias apropriadas a essas poesias, construidas de modo que possam ser cantadas por todas as vozes de homem? No artigo citado sobre *canto coral* já dissemos o que sucedia com a *Marselhesa*. Este hino está escrito de modo que por todos, crianças e adultos, pode ser cantado. Não exige esforços de voz. Se se escrever em *lá bemol* maior as suas notas movimentam-se dentro dos limites das cinco linhas da pauta musical. Um simples intervalo de nona maior!

Feita a aquisição de cantos guerreiros com poesias patrioticas, encarreguem-se então os mestres das bandas regimentais da organização e ensaio de côros multiplos nos regimentos. Por cada companhia é sufficiente um pequeno nucleo de coristas, de que podem fazer parte os graduados, se quizerem, para satisfazerem ás instruções publicadas pelo ministerio da guerra, darem assim o exemplo e conservarem até a disciplina.

Os mestres e os contra mestres das bandas, assim como os musicos de primeira classe estão nos casos de prestar esse serviço. Para acompanhar esses nucleos de côros pode subdividir-se a banda em pequenos grupos musicais.

E não levaria muitos dias a ensaiar alguns côros. Demais, esses ensaios seriam muito facilitados fazendo imprimir folhetos com os versos, que se distribuiriam antecipadamente a todos os recrutas no acto da incorporação. Seria uma optima e patriótica propaganda que se faria por toda a nação. Seria um belo meio de incutir no soldado sentimentos patrioticos e até republicanos, se também a isto se atendessem na poesia de alguns cantos.

Bem sabemos que a incorporação dos soldados para os exercicios das escolas de repetição se fez este ano no proprio dia em que tais exercicios deviam começar. Uma questão de falta de comodidades nos quartéis para acumular avultadas unidades. Uma questão também de economia, que obrigou á redução dos dias de exercicio. E' porem natural que de futuro o ministerio da guerra esteja em melhores condições financeiras para poder decretar mais demorados exercicios, fazendo á incorporação com alguns dias de antecipação, com o fim de instruir e preparar convenientemente o soldado para esses exercicios.

Deveria então haver ensejo para o rapido ensaio de alguns côros e o entusiasmo do soldado em marcha faria o resto. Seria imponente o agrupamento d'esses nucleos de côros, em volta da bandeira, acompanhados pela banda do regimento, entoando hinos e canções patrioticas e guerreiras ao simbolo da nação.

E nada ha que estranhar na permissão dos côros marciais. As canções e poesias alusivas a factos ou peripecias que se dão em tempo de guerra foram sempre permitidos e são para o soldado um estímulo de primeira ordem. A este respeito ocorre-nos um facto que ha já bastantes anos ouvimos narrar a um velho militar que o presenciou. Por ocasião da guerra civil, entre

realistas e liberais, foi no Porto derruido um torreão pela artilharia de cerco. Os soldados dos acampamentos inimigos aproveitavam sempre o ensejo do toque de alvorada para cantar em cântico e mutuamente se dirigirem remoques. Por causa da derrocada do torreão o estro popular inspirou aos soldados sitiados a seguinte quadra cantada ao som de alguns toques de clarim da alvorada:

*Ai! Ai! Jesus
Lá vai o cubêlo.
Tanto trabalho
Foi pena perdê-lo.*



Cartas a uma senhora

191.^a

De Lisboa.

Parece-nos ter demonstrado a utilidade do canto coral nos regimentos. Mas com a desorganização e falta de pessoal em que se encontram as bandas regimentais é claro que nada poderá conseguir-se. Demais, a agravar a situação presente, temos as licenças obtidas antecipadamente para evitar as maçadas dos exercícios. Como são para músicos *que não fazem falta*, essas licenças são concedidas com facilidade. E assistimos assim ao triste espectáculo de ver algumas bandas regimentais apresentarem-se nos exercícios das escolas de repetição com um pessoal inferior, em numero, ao de muitas filarmónicas sertanejas.

Parece-nos no entanto que estamos num período de transição e que da parte do ministerio da guerra se olhará para as bandas regimentais com alguma atenção, desde que se convençam, como nos parece que já devem estar convencidos, de que a iniciativa particular serve para reclamar a permanência de uma banda regimental nas diferentes localidades, mas não vai até ao sacrificio pecuniario de lhe angariar e sustentar pessoal artistico habilitado e numeroso.

Reconhecida por todas as nações a necessidade e a utilidade das bandas regimentais, é com certeza este um dos assuntos a que no ministerio da guerra terá de se atender com muito cuidado, devendo-se mesmo contratar pessoal que se demore por bastante tempo nos regimentos e dando-lhe a futura garantia precisa. Com pessoal *miliciano* e de ocasião não se organizam bandas regimentais.

Graduaram-se e galardoaram-se convenientemente e com justiça os mestres de musica. Dê-se-lhes agora pessoal habilitado e de caracter permanente para que todos possam mostrar as suas aptidões.

Lisboa, 27 de outubro de 1913.

ESTEVES LISBOA.

Consinta que hoje me ocupe d'uma escola, o Instituto Superior Technico. Conhece o director, o dr. Alfredo Bensaude? E' aquelle estranho e superior espirito, que tendo feito com singular relevo os seus estudos na Allemanha, veio depois, por um milagre da sorte, abordar a estas paragens, onde tão mal o apreciaram, que durante longos, longuissimos annos esteve apodrecendo por desaproveitado, limitando-se a concertar rabecas, a restaurar tapetes, a escrever sobre a philosophia da musica, fóra das horas que lhe sobravam da regencia da sua cadeira de mineralogia.

Supponho que até á proclamação da Republica nunca ninguém se lembrou de o chamar para aquellas coisas de que elle era tão capaz, e parece que a particular distincção do seu cerebro *assustava elles*.

Felizmente entre as já numerosas iniciativas que—quer queiram quer não—se devem ao regimen novo, figura esta da criação do Instituto Superior Technico, a que o dr. Brito Camacho ligou o seu nome como ministro do fomento.

Se a alta mentalidade que dirige a *Lucta* carecesse de mais algum titulo para se impôr á gratidão e á estima de todos nós, bastava-lhe este gesto feliz de, fundando o Instituto, escolher para a funcção adequada o homem proprio e de haver visto a principal face do nosso problema nacional, que é o problema da educação e da cultura, mas no seu aspecto de fomentadora immediata da riqueza e de estimulante economico da producção.

E' magnifico fazer doutores que saibam theorias, muitas theorias, é, porém, fundamental crear homens que saibam utilidades, muitas utilidades.

O dr. Brito Camacho, pensando na fundação do Instituto Superior Technico e dando-lhe como director o dr. Alfredo Bensaude, e este pondo na resolução de tal idéa o maximo da sua boa vontade e

da sua competencia, encetaram a solução do nosso principal problema e realisaram obra inestimavel, obra patriótica.

Mas ainda n'uma cousa Brito Camacho mostrou comprehender o que era necessario exigir do dr. Bensaude e o que d'elle havia a esperar. E deu-lhe autonomia e liberdade — toda a liberdade.

Então se viu este facto desconhecido por cá. Um director escolhendo o pessoal docente do Instituto em que ia superintender, pela fórma que mais vantajosa se lhe afigurou.

Bem se vê que tudo isto se passava a milhares de leguas da politica — leia-se politica tal como a entendem certos regedores lusos — e que unicamente se teve em mira prover nos logares a preencher gente idonea, gente especializada.

Ora traduzido assim em viva realidade o pensamento salvador d'uma escola destinada a crear valores, que muito é que a actual exposição se imponha á sympathia, melhor, ao respeito das curiosidades bem intencionadas, pela quantidade e qualidade dos trabalhos exhibidos e pela logica e systematisada orientação a que todos obedeceram?

E' claro, minha amiga, que não vou agora dar-me ares de entendedor das variadas materias que no Instituto se cursam e dos documentos que attestam o trabalho e o aproveitamento dos alumnos lá matriculados.

Aos meus olhos de leigo só uma faceta podia avultar, de tantas que constituem os objectos expostos: — a do esforço pessoal que todos elles representam e a da porção de consciencia que por assim dizer os authenticita e singularisa.

No mais não entro, porque reputo o assumpto serio demais para me metter a bedelhar sobre elle.

Simplemente pretendi, indulgente amiga, transmittir-lhe uma excellente nova, qual é a de que *isto*, venho a dizer o paiz, avança embora ainda um pouco vagaroso, mas indisputavelmente avança, a despeito do que inzoïnham praguentos e do que espalham obtusos.

Não será tudo, mas ninguem de boa fé negará ser já alguma cousa.

Conseguir por-exemplo que rapazes das nossas classes medias, lamentavelmente educados no desprezo pelas chamadas profissões mechanicas, e com uma tal ou qual aversão pela blusa dos trabalhadores e pelas rudes provas da aprendizagem d'essas profissões, alegremente envergarem aquella e corajosamente se votem ao que estas exigem de mais rebarbativo e aspe-

ro, julgo eu ser caso pouco vulgar na terra em que todos, a fazer fé n'um estudo estatistico psychologico celebre, temos um antepassado que andou nas cruzadas ou batalhou nas Indias, o qual antepassado arrogantemente nos prohibia, até ha pouco ainda, que descessemos ao vil mister de ganhar honradamente a vida sem ser pedinchando nas recamaras dos magnates ou agatanhando-nos nos gabinetes dos dirigentes.

O culto idiota pelo diploma de uma falsa preparação em cursos — que para nada ou para bem pouco preparavam, vae, louvado Deus, passando de moda, e até já em alguns d'esses cursos algo mais principia a fazer-se do que exames.

Assim, que espanta que quem percorrer o pavilhão do Instituto onde se encontram os trabalhos dos alumnos, a cada passo vá descobrindo individualidades, *pessoas*, valores, em suma, que sem duvida, ao entrarem no conflicto da existencia, de certo produzirão obra diversa d'aquella que os da minha geração em geral produziram?

Contou-me alguém ter surprehendido a um operario que visitava a exposição um dito que, melhor que tudo, resume as criticas elogiosas que acaso eu lhe poderia tributar: — «agora parece-me que em tudo vamos ter engenheiros que saibam mais que nós».

Está na verdade certa a observação do operario e tambem me convenço que agora iremos ter realmente em cada especialidade, que no Instituto se professa, rapazes que *em tudo* estejam melhor preparados que os elementos que irão dirigir. *Em tudo* e não apenas nas theorias que veem nos livros, coisa seguramente muito linda e muito conveniente, mas incompleta e até, não raro, contraproducente ou desnecessaria.

Emfim, querida amiga, eu que ácerca de tão variadas e ás vezes tão esquisiticas materias me habituei a discorrer consigo, não quero abusar mais da sua provada paciencia, por isso por aqui me quedo, apenas advertindo que ainda a fórma suprema e salutarmente esclarecedora de responder aos varios dementados que constantemente nos intranquilisam e infamemente nos detrahem é ir organisando o trabalho, preparando a riqueza, acordando as intelligencias, de modo a tornar Portugal um solo differente d'aquella que nos deixaram os mais ou menos immaculados varões, que com tão conspicuo saber e tão preclaras virtudes, conforme de todos é notorio, patrioticamente se preparavam para nos levar a Pantana.

Ah! minha senhora, meia duzia de escolas do genero e do typo do Instituto Superior technico ou pelo menos analogas, destinadas a formar creaturas de valoroso animo, de forte iniciativa, de adextrado cerebro, podem em dez annos mudar a face d'esta terra que tantos maltratam e tantissimos desconhecem e que todos nós aliás deveriamos beijar com uncção e servir com amor, porque nenhuma é nem mais doce, nem mais risonha, nem mais formosa.

AFFONSO VARGAS.



O Museu Heyer

Foi por lapso que aqui dissemos que a inauguração do já celebre museu de Colonia se havia effectuado em 20 de outubro, quando foi realmente um mez antes, em 20 de setembro.

Wilhelm Heyer, o infatigavel colleccionador e amator tão esclarecido, que conseguiu reunir as preciosidades musicas, de que demos rápida conta aos nossos leitores em artigo anterior, já não assistiu à inauguração do seu museu, pois havia fallecido ha alguns mezes. Foi em presença da sua viuva e herdeiros que se realizou o concerto inaugural, em que se fizeram ouvir ao cravo a eminente Landowska e o musicographo Georg Kinski, na viola d'amor Niel Vogel, de Amsterdam, na viola de gamba Van Neste, de Bruxellas — conjuncto discreto e artistico que interpretou com respeitoso amor o melhor da obra de Pasquini, Milandre, John Bull, Rameau, ao lado de trechos notaveis de Bach e Haendel.

A installação e riqueza do museu fez uma impressão profunda em todos os visitantes. O seu fundador havia applicado, desde muitos annos, ás cousas da musica um temperamento privilegiado de colleccionador, um espirito affeito ás grandes empresas e uma bolsa excepcionalmente recheiada. Em praso breve, tres milhões de marcos fizeram surgir da terra um vasto edificio, não destituido de elegancia, em que se engolpharam colleções inteiras, dotando assim a cidade rhenana com um instituto musicologico, de que

ella pode muito justificadamente orgulhar-se.

Homem moderno e industioso, Wilhelm Heyer parece ter querido fazer obra util primeiro que tudo, divergindo assim de muitos colleccionadores, antigos ou actuaes, que só pensam em accumular thesouros para satisfação da sua inquieta vaidade e feroz egoismo. Assim é que as preciosidades do museu Heyer, tanto organographicas como bibliographicas, estão dispostas n'aquelles vastos salões, menos para satisfazer uma simples curiosidade de turismo, que para ministrar uma lição viva sobre todos os assumptos que com a historia da musica se prendem. A officina de violaria, órgão essencial em todo o museu musical bem constituido, provê escrupulosamente a que todos os instrumentos se conservem em perfeito estado, bem afinados, susceptiveis, tanto quanto lhes permite a idade, de se mostrarem taes como eram no seu tempo aureo. E é só assim que essa lição viva reveste para o estudioso toda a sua efficacia e proveito.

Compreende-se o alcance d'uma tal lição, quando pensarmos que W. Heyer ponde reunir mais de 2500 instrumentos antigos, 1600 autographos musicas, perto de 20:000 cartas, uma admiravel colleção de livros e partituras, em que predominam as obras polyphonicas da Renascença, e por fim 3500 estampas e retratos.



Em 1 do corrente o Club Moderno promoveu, em homenagem á sympathica e applaudida amadora D. Amelia de Almeida Serra, um interessante concerto em que além d'esta já illustre cantora, calorosamente ovacionada n'um trecho da *Mireille* e n'uma canção de Sarti, se fizeram ouvir D. Isabel Northway do Valle que na canção do Rei de Thule ouviu calorosas e bem merecidas palmas, D. Maria Luisa da Gama Ochôa que no *Amore foriero* do *Sansão* mostrou intensa expressão dramatica e poderosa voz; e D. Sarah Marques de Sousa que n'uma pagina de Wagner e depois nas canções portuguezas affirmou mais uma vez os notaveis dotes

que privilegiadamente a fadaram para ser uma das nossas mais auspiciosas esperanças musicas.

Tambem a novel amadora D. Lydia Cutileiro se nos affigurou uma amadora de largo e ridente futuro.

E finalmente Armado Leça, como executante e como compositor, continuando a justificar as bem fundadas esperanças que fez nascer, demonstrou no seu trecho de musica descriptiva *Festa na aldeia* e na *Morena* qualidades de colorido, finura de gosto, e minucias de technica que já d'elle fazem alguem. Fixe o publico este nome que ou muito nos enganamos ou dentro em breve ve-lo-ha impor-se à consagração da critica para honra d'elle e gloria da arte portugueza.

Ainda devemos registar os trechos executados pelo sextetto de que faziam parte D. Didia Leite, J. Almeida, J. Leite, Alberto Lima, Pedro Simões e Saul Serio e os numeros cantados pelo amator Guilherme Bizarro.

E para fechar com chave de ouro devemos dizer que com verdadeiro encanto ouvimos uma gentil menina, Olympia Perry Vidal Pereira Bastos, que n'uma formosa poesia de D. Cacilda de Castro a D. Amelia Serra evidenciou qualidades de dicção e modulações de voz e riqueza de sentimento que não são vulgares e lhe assegurarão um invejavel cantinho entre os que cultivam a difficil arte de dizer versos.

Não ouvimos a sr.^a D. Lydia Cutileiro, que na 1.^a parte do programma recitou o *Cantico do Sol*, de Affonso Lopes Vieira, mas pela maneira como cantou os versos da 2.^a parte, calculamos que igualmente terá merecido as palmas que n'estes a saudaram.

Emfim, uma linda festa que o Club Moderno proporcionou aos seus convidados. A' sua direcção e ao seu presidente o Ex.^{mo} Sr. Carlos Perry Vidal agradecemos o haver-nos incluído entre o numero dos que tão agradável noite poderam passar.

*
* *

Em 8 realisou-se na Academia de Amadores, o 2.^o sarau da 31.^a serie.

Precedido d'uma interessante conferencia sobre a influencia da musica, pelo sr. Julio Eduardo Santos, a assistencia teve ensejo de ouvir conceituosas e proficientes considerações que prenderam a attenção por alguns quartos de hora.

O conferente esboçou mesmo por vezes pontos de vista originaes e curiosos, susceptiveis até de reflexão e de estudo embora

possivelmente de controversia, e mereceu os justos applausos com que viu coroado o seu trabalho.

Seguiu-se no programma o arioso do *Profeta* em que D. Maria Luisa Ochôa nos teve presos do encanto da sua voz e da intensidade que poz na execução d'esse formoso trecho.

D. Emilia Leiria no *romance em fa* de Beethoven revelou qualidades de afinação e de som que ao mesmo tempo patentearam as faculdades que possui e a excelente orientação e conhecida proficiencia do seu professor, o conhecido e sympathico maestro D. Pedro Blanch.

D. Isabel Northway de Vale foi como sempre uma das mais talentosas e seguras amadoras que com singular relevo cultivam o canto, e n'um trecho do *Fausto* e n'uma linda canção portugueza de Sarti, fez vibrar o seu publico arrancando-lhe uma ovação calorosa e justa.

O mesmo póde dizer-se do jovem e já apreciado pianista Lourenço Varella Cid, que no *Preludio* de Debussy e nos dois numeros de Massenet *Eau dormante* e *Eau courante* teve ensejo de evidenciar mais de uma faceta do talento.

E como a poesia é irmã da musica, duas meninas disseram versos: D. Lucinda dos Santos Vieira, essa emocionante pagina de Antonio Nobre *Pobre tisica* e D. Olympia Perry Vidal Pereira Bastos, tres composições de Affonso Lopes Vieira.

E' realmente um mimo d'arte ouvir dizer versos assim, e se o auctor de *Só* não póde agradecer da fria terra que o abriga a delicada emoção que a *disease* dos seus poz nos que lhe ouvimos, o auctor dos *Animaes nossos amigos* póde, felizmente para elle e para nós, beijar reconhecido a pequenina mão d'aquella encantadora e gentilissima menina que lhe disse n'uma voz de ouro e n'uma musica angelica cheia de tonalidades ricas e de modulações preciosas, as lindas coisas que elle escreveu e que todos nós escutámos enlevados e gratos.

Os nossos parabens á Academia por esta sua tão delicada e suggestiva iniciativa, que oxalá tenha vida longa e fecunda.

✻ ✻ ✻

A horas de já não poder publicar, recebemos a noticia do bello concerto de 12, em que a illustre cantora M.^{me} Chiarina Fino Savio se fez ouvir no Conservatorio. No proximo numero o faremos querendo agora tributar ao menos á artista a homenagem da nossa admiração pelo seu real talento.



PORTUGAL

Nos usos correntes da arte ainda se não havia introduzido a *pianola*. Agora teve uma applicação curiosa este engenhoso aparelho em um concerto que um amador do Porto, o sr. Correia Pinto, consagrou exclusivamente á musica de Chopin.

Constou o programma da *Sonata*, op. 35, duas *Balladas*, uma *Polonaise*, um *Impromptu*, *Valsas*, *Mazurkas*, *Nocturnos*, *Estudos*, etc., sendo tudo precedido por uma interessante allocução allusiva, em que foi orador o sr. dr. Eduardo Pimenta.

A *pianola* estava adaptada a um excellento pianno de cauda, sendo o proprio sr. Correia Pinto quem se encarregou de fazer mover a machina e *nuançar* a execução d'aquelles diversos trechos.

Foram definitivamente annunciados dez concertos pela orchestra do theatro da Republica, dirigida pelo sr. D. Pedro Blanch. Serão dados em *matinée*, como os do anno passado e espera-se que a concorrência não seja inferior á que assignalou então essas bellas e instructivas manifestações d'arte.

E'-nos sempre grato referir os successos dos nossos artistas lá fóra e é por isso com sincero jubilo que aqui transcrevemos as informações ultimamente colhidas ácerca d'uma talentosa pianista portugueza, D. Claudina Tavares d'Almeida, que acaba de ser admittida na *Hochschule* de Berlim, após um renhido concurso em que se apresentaram centenas de candidatos na maior parte regeitados.

E' sabido quanto é difficil entrar hoje na reputada escola alleman, e a admissão da nossa compatricia tem portanto um alto e honroso significado, que não vem senão confirmar os vaticinios e louvores da *Arte Musical*, quando apreciou a execução de uma *Ballada* de Chopin, em que

tanto se distinguuiu a joven artista na ultima audição da sua illustre professora, a sr.^a D. Adelia Heinz, no salão da *Illustração Portuguesa*.

As provas dadas no concurso da *Hochschule* foram o *Preludio e Fuga* em dó sustenido maior de Bach e o oitavo *Estudo* de Chopin (op. 10), havendo-se por tal fórma a sr.^a D. Claudina d'Almeida na execução d'essas importantes obras, que lhe foram dispensadas as restantes provas.

As nossas vivas felicitações, tanto á talentosa pianista, como á sr.^a D. Adelia Heinz que com tanto saber e consciencia lhe dirigiu os estudos, desde os primeiros rudimentos de musica até á sua partida para a Allemanha em setembro ultimo.

Os nossos artistas já vão tendo o *souci* dos bons instrumentos. O professor João Sagner Junior acaba de adquirir uma flauta de metal prateada, com chaves douradas, systema Boehm, absolutamente perfeita como acabamento, afinação e timbre.

Provém de uma casa americana, a que já aqui nos referimos mais de uma vez, a casa C. G. Conn, de que é representante em Portugal o nosso amigo e distincto amador, sr. Alfredo Borges da Silva.

Encontra-se em Lisboa o professor paraense, sr. Meneleu Campos, que conta fixar aqui residencia temporaria dando lições e concertos.

Escreve-nos de Valencia o notavel violista D. Francisco Benetó, annunciando-nos que brevemente dará na linda cidade espanhola um concerto, a que se seguirão provavelmente outros em Teruel e Barcelona.

Fazemos votos pelos seus triumphos e e pelo seu prompto regresso.

Temos presente o programma de um grandioso recital que o nosso insigne pianista Vianna da Motta vae dar a 20 na Sala Beethoven, em Berlim. Consta dos *Concertos* de Mozart, Sgambati e Saint-Saëns e da *Rapsodia Espanhola* de Liszt, sendo a orchestra acompanhante dirigida por Ferruccio Busoni. Esta outra celebri-

dade do piano interessou-se tanto por esse admiravel programma que não só offereceu espontaneamente a sua collaboração n'elle, mas escreveu expressamente duas esplendidas cadencias para o *Concerto* de Mozart.

* * *

Ao nosso glorioso compatriota foi offerecido um logar na direcção de uma nova Sociedade de musicos concertistas, que se está organisando em Berlim.

ESTRANGEIRO

Poucos theatros apresentarão, como a Opera Comica de Paris, um conjuncto tão consideravel de *novidades* em uma só epoca. Pela lista seguinte, annunciada officialmente no programma d'esse theatro, se poderá fazer uma ideia do que avançamos: *Celeste*, drama lyrico de Trépard, *Francesca da Rimini* de Leoni, *La vie brève* de Manuel de Fallu, *La marchande d'allumettes* de Tiarko Richepin, *Marouf, savetier du Caire* de Henri Rabaud e *L'amour au faubourg* de Gustave Charpentier. Estão tambem em preparação as seguintes: *Béatrice* de Albert Wolff, *Les quatre journées* de Alfred Bruneau, *Lorenzaccio* de Ernest Moret, *La ville morte* de Nadia Boulanger e Raul Pugno, *Messaouda* de E. Ratez e *Les heures de l'amour*, bailado de Maurice Bertrand.

* * *

Já estão publicados uns 20 fasciculos da grande *Encyclopédie de la Musique*, dirigida por Albert Lavignac e publicada pela casa Delagrave, de Paris.

Esses fasciculos comprehendem já alguns capitulos do mais alto interesse artistico e archeologico: *Egypto* por Victor Loret, professor d'Egyptologia na Universidade de Lyon; *Assyria e Chaldea* por Carlos Virolleaud, mestre de conferencias na Faculdade de Lyon; *Syrios e Phrygios* por Fernand Pélagaud, advogado; *Hebreus* pelo rabino Abrahão Cahen, sub-director da Escola Rabinica; *China, Coréa e Japão* por Maurice Courant, mestre de conferencias na Faculdade de Lyon; *India* por Joanny Grosset, da Faculdade de Lettras da mesma cidade; *Grecia* por Maurice Emmanuel, professor de Historia da Musica no Conservatorio de Paris, etc.

Alguns d'esses trabalhos, como o de Maurice Courant entre outros, são monographias completissimas e profusamente

documentadas, que darão á Encyclopédia um valor unico na bibliographia musical de todos os tempos.

Os fasciculos são distribuidos semanalmente e custam 1 franco cada um.

* * *

Carmen, a linda opera de Bizet, vae ser reproduzida em uma fita animatographica, que não terá menos de 3:000 metros, e em cuja composição entrarão outros tantos figurantes.

O *film* parece que será impressionado em Granada e Sevilha.

* * *

Uma das invenções, ultimamente registradas em França, é um systema de escripta musical especialmente destinada aos instrumentos de teclado, e pelo qual se facilitaria a leitura ás pessoas pouco familiarisadas com a notação vulgar.

Em vez de cada um dos pentagrammas ha um graphico representando um teclado e as notas são desenhadas, com a configuração usual, sobre cada uma das teclas a que devem corresponder.

E' simples, ingenuo e... absolutamente inutil.

* * *

O preço das lições de canto na Allemanha assume por vezes proporções fantasticas. O baixo da Opera, Paul Knuepfer, professor de canto na *Hochschule*, faz-se pagar nas lições particulares á razão de 100 marcos por hora. Outros mestres exigem 40, 50 e 60 marcos por cada hora de lição. De 10 a 30 já é um preço vulgar, mas a maioria contenta-se com 2 a 5 marcos, preço minimo imposto pelo syndicato berlinez. Mas ha tambem desgraçados que não chegam a conquistar o misero marco por cada lição...



Falleceu, victimado por uma congestão pulmonar, o conhecido artista musico, sr. José Maria da Conceição Puga, professor em varias orchestras e musico da Sé.